

Deborah Harkness

A DESCOBERTA
DAS
BRUXAS



Deborah Harkness

A DESCOBERTA
DAS
BRUXAS



Tradução de Márcia Frazão

ROCCOITALIA

*Para Lexie e Jake,
e ao futuro brilhante que terão.*

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Agradecimientos

Créditos

A Autora

Começa com ausência e desejo.

Começa com sangue e medo.

Começa com uma descoberta das bruxas.



○ volume com capa de couro não possuía nada de extraordinário. Aos olhos de qualquer historiador não seria diferente das centenas de outros manuscritos da Biblioteca Bodleiana, de Oxford: antigo e usado. Mas o peguei e logo pressenti que havia alguma coisa diferente nele.

A sala de leitura Duke Humfrey estava vazia naquela tarde de fim de setembro, pois já tinha terminado a invasão de estudiosos que a visitavam no verão e ainda não começara a loucura do início das aulas, de modo que as solicitações de material da biblioteca eram rapidamente atendidas. Mesmo assim, me surpreendi quando Sean me parou no balcão de solicitações.

– Dra. Bishop, os seus manuscritos já estão disponíveis – ele sussurrou, com um tom ligeiramente malicioso, ao mesmo tempo em que sacudia a parte da frente de um suéter cor de argila que estava salpicado de pó dos velhos barbantes de couro. Enquanto sacudia o pó, uma das mechas do seu cabelo castanho-alourado pendeu em sua testa.

– Obrigada – disse-lhe, com um sorriso agradecido. O meu desrespeito às regras que limitavam a quota diária de livros a serem solicitados era flagrante. Sean, companheiro de copo em *pubs* do tempo de estudante, satisfazia os meus pedidos por mais de uma semana com o maior descaramento. – E pare de me chamar de dra. Bishop. É como se você estivesse falando com outra pessoa.

Ele riu e deslizou os manuscritos – todos com belas amostras de ilustrações alquímicas das coleções da biblioteca sobre o tampo desgastado de uma escrivaninha de carvalho e devidamente protegidos por uma grossa pasta de papel-cartão.

– Oh, ainda falta um.

Ele se ausentou do balcão por alguns instantes e retornou com um grosso manuscrito *in-quarto* envolto em um pedaço de couro de bezerro. Colocou o manuscrito no topo da pilha e se deteve para inspecioná-lo. A armação de ouro dos óculos de Sean reluzia sob a luz difusa de um velho abajur de bronze acoplado a uma estante.

– Faz algum tempo que ninguém solicita este. Farei uma nota dizendo que ele precisa de uma pasta depois que o devolver.

– Quer que o lembre disso?

– Não. A nota já está escrita aqui. – Ele apontou para a própria testa.

– Sua cabeça deve ser bem mais organizada que a minha. – Abri um sorriso largo. Enquanto ele procurava o meu cartão da biblioteca, ele me olhava com timidez, mas depois se lembrou que o colocara entre a capa e as primeiras páginas.

– Parece que este não quer sair – comentou.

Algumas vozes abafadas tagarelaram no meu ouvido, quebrando o silêncio habitual do lugar.

– Ouviu isso? – Olhei em volta, intrigada com aquele estranho rumor.

– O quê? – ele disse, tirando os olhos do manuscrito.

Meus olhos foram atraídos pelo brilho dourado que contornou o manuscrito. Um brilho que não passava de uma pálida cintilação se comparado com o brilho iridescente que saía das páginas. Pisquei os olhos, surpreendida.

– Nada.

Um ímpeto me fez puxar o manuscrito e minha pele se arrepiou quando entrou em contato com o couro. Sean ainda estava com o cartão na mão, que acabou se soltando rapidamente. Empilhei os volumes nos braços, apoiando-os com o queixo, e fui invadida por um cheiro estranho que se sobrepôs ao odor de lápis apontado e de cera de assoalho da biblioteca.

– Você está bem, Diana? – perguntou Sean, preocupado.

– Claro que sim. Só estou um pouco cansada – retruquei, afastando os livros do meu nariz.

Saí apressada por aquela insólita biblioteca quinhentista, passando por fileiras de escrivaninhas elisabetanas de três prateleiras e com tampos rabiscados. Janelas góticas ladeavam as fileiras, desviando a atenção dos leitores para o teto, onde os detalhes do timbre da universidade se realçavam com tinta dourada brilhante: três coroas e um livro aberto com a frase “Deus é a minha iluminação”.

Naquela noite de sexta-feira, minha única companhia na biblioteca era Gillian Chamberlain, uma outra acadêmica americana. Gillian, uma classicista que lecionava na Bryn Mawr, passava o tempo se debruçando em tiras de papiro protegidas por placas de vidro. Passei às pressas por ela, evitando olhá-la, mas o rangido do assoalho

velho me denunciou.

Minha pele se arrepiou, como sempre se arrepiava quando uma outra bruxa me olhava.

– Diana – ela me chamou em meio à penumbra.

Suspirei, e parei.

– Oi, Gillian. – Mantive-me afastada o máximo possível da outra bruxa, com um forte sentimento possessivo pela minha pilha de manuscritos, posicionando meu corpo de modo que os manuscritos ficassem fora do campo de visão dela.

– Como está se preparando para o Mabon?

Gillian vivia me cercando, dizendo que eu devia me juntar às outras irmãs enquanto estivesse na cidade. Faltavam poucos dias para as celebrações wiccanianas do equinócio de outono, e ela redobrava os esforços a fim de me atrair para o conciliábulo de Oxford.

– Trabalhando – respondi prontamente.

– Você sabe que as bruxas daqui são realmente muito boas – ela falou com um tom de reprovação. – Você devia se juntar a nós na segunda-feira.

– Obrigada pelo convite. Vou pensar a respeito – eu disse, já me dirigindo para o Selden End, um arejado anexo do século XVII perpendicular ao eixo principal da Duke Humfrey. – Estou pesquisando alguns documentos para uma conferência, portanto não alimente expectativas. – Tia Sarah sempre me alertou que era impossível mentir para outra bruxa, mas isso nunca me impedia de tentar.

Gillian emitiu um ruído simpático, mas ela me seguiu com os olhos.

De volta a meu lugar habitual em frente às janelas em arco com caixilhos de chumbo, resisti à tentação de largar os manuscritos de qualquer jeito na mesa para limpar as mãos. Mas eles eram muito antigos e seria melhor colocá-los na mesa com cuidado.

No topo da pilha, estava o manuscrito que quase engolira meu cartão. Em sua lombada, gravado em dourado, o brasão que pertencia a Elias Ashmole, colecionador e alquimista do século XVII, cujos livros e documentos foram transferidos para a Biblioteca Bodleiana no século XIX por intermédio do Museu Ashmoleano, com a gravação do número 782. Eu me estiquei e toquei no couro marrom.

Um suave choque me fez afastar os dedos rapidamente, mas não rápido o bastante. Uma comichão subiu pelos braços, arrepiando os poros da pele, e depois se espalhou

pelos ombros, retesando os músculos das costas e do pescoço. Sensações que logo se dissiparam, mas me deixaram com um sentimento estranho de insatisfação. Abalada com isso, me afastei da escrivaninha.

Mesmo a uma distância segura, aquele manuscrito era um desafio – ameaçava as paredes que eu erguera para separar minha carreira acadêmica da minha posição de última representante da linhagem de bruxas Bishop. Em Oxford, com um doutorado suado e títulos e promoções a caminho, e com uma carreira começando a florescer, eu renunciava à herança familiar, baseando a minha vida na razão e na capacidade acadêmica e não em premonições e feitiços inexplicáveis. Eu estava em Oxford para completar um projeto de pesquisa. Depois de concluí-lo, minhas descobertas seriam publicadas e avaliadas por extensivas análises e notas de rodapé, e apresentadas a meus colegas humanos, sem qualquer espaço para mistérios e sem qualquer brecha para que o sexto sentido de alguma bruxa acabasse captando alguma coisa no meu trabalho.

Contudo, eu tinha solicitado um manuscrito alquímico, sem outra intenção senão a de me servir de ajuda na pesquisa, e aparentemente ele também possuía um poder sobrenatural impossível de ser ignorado. Minhas mãos coçavam pela ansiedade de abrir o manuscrito e saber mais. Mas eu refreava o impulso: minha curiosidade era intelectual, só tinha a ver com minha posição acadêmica? Ou era fruto da ligação da minha família com a feitiçaria?

Enchi os pulmões com o ar familiar daquela biblioteca e fechei os olhos, na esperança de clarear a mente. Para mim, a Bodleiana era até então um santuário, um lugar desvinculado das Bishop. Com as mãos trêmulas debaixo dos braços, encarei o manuscrito Ashmole 782 em meio a um crescente crepúsculo e me perguntei sobre o que fazer.

No meu lugar, mamãe saberia instintivamente o que fazer. As bruxas da família Bishop eram em sua maioria talentosas, mas Rebecca, minha mãe, era especial. Todos diziam isso. Seus dons sobrenaturais se manifestaram muito cedo, ela ainda estava na escola primária e já dominava a magia com maestria superior à das bruxas mais experientes do conciliábulo local, com uma compreensão intuitiva dos feitiços, uma extraordinária percepção e uma surpreendente capacidade de enxergar o que estava por trás das pessoas e dos fatos. Tia Sarah, irmã caçula de mamãe, também era uma bruxa habilidosa, se bem que com talentos mais comuns: mãos hábeis para poções e

um perfeito domínio da herança de feitiços e encantamentos da feitiçaria tradicional.

Claro que meus colegas historiadores desconheciam a história de minha família, mas em Madison, uma cidade distante do interior de Nova York onde passei a viver com tia Sarah desde meus sete anos, a família Bishop era conhecida por todos. Após a guerra revolucionária, meus ancestrais se mudaram de Massachusetts. Na ocasião, já tinha se passado mais de um século desde a execução de Bridget Bishop, em Salem. Nem por isso os falatórios e as fofocas deixaram de seguir a família até a nova terra. Depois de se mudarem e se estabelecerem em Madison, as Bishop tiveram que se esforçar muito para mostrar o quão útil podia ser a presença de bruxas na vizinhança, curando os doentes e prevendo as condições climáticas. Com o tempo, a família criou raízes na comunidade, raízes que de tão profundas resistiam às inevitáveis crises da superstição e do medo humano.

Mas mamãe era curiosa em relação ao mundo, e isso acabou por levá-la para além da segurança de Madison. Primeiro, ela foi para Harvard, onde conheceu um jovem feiticeiro chamado Stephen Proctor. Ele também tinha uma longa linhagem mágica e queria uma experiência de vida longe da história e da influência de sua família da Nova Inglaterra. Rebecca Bishop e Stephen Proctor formavam um casal encantador, com a franqueza tipicamente americana de mamãe fazendo um contraponto para o jeito mais formal e antiquado de papai. Eles se tornaram antropólogos e mergulharam em culturas e crenças estrangeiras, compartilhando ao mesmo tempo as paixões intelectuais e a devoção que nutriam um pelo outro. Depois que asseguraram uma posição acadêmica para lecionar – mamãe, na universidade onde estudara, e papai, na Wellesley College –, os dois saíram em viagem de pesquisas e acabaram formando uma nova família em Cambridge.

Guardo poucas lembranças de minha infância, mas sempre vívidas e surpreendentemente claras. Lembranças que representam meus pais: a sensação do veludo cotelê nos cotovelos de papai, o aroma de lírio-do-vale do perfume de mamãe, o tilintar das taças de vinho nas noites de sexta-feira depois que me colocavam para dormir e jantavam à luz de velas. Mamãe contava histórias para me fazer dormir, e a pasta de couro marrom de papai fazia barulho quando ele a jogava na porta de entrada. Lembranças que talvez sejam familiares para a maioria das pessoas.

Outras lembranças dos meus pais não são tão familiares assim. Parece que mamãe nunca lavava roupas, mas as minhas estavam sempre limpas e bem-passadas. Os

bilhetes de permissão para passear no zoológico que eu esquecia em casa sempre apareciam na minha carteira justamente na hora em que a professora chegava para pegá-los. E mesmo quando o gabinete de papai estava muito bagunçado (geralmente era como se tivesse sido bombardeado) quando eu entrava lá para um beijo de boa-noite, na manhã seguinte tudo aparecia impecavelmente arrumado. No jardim de infância, perguntei à mãe da minha amiga Amanda por que se preocupava tanto em lavar a louça com água e sabão, se bastava colocar tudo dentro da pia, estalar os dedos e sussurrar umas poucas palavras. A sra. Schmidt riu da minha estranha ideia sobre os trabalhos domésticos, mas com os olhos já nublados pela confusão.

Naquela noite, meus pais me aconselharam a tomar cuidado com o que falasse de magia e com quem falava. Mamãe explicou que os humanos eram muito mais numerosos e se sentiam ameaçados com nosso poder, temendo que isso fosse a maior força terrena. Na ocasião, não tive coragem de confessar que a magia – especialmente a da minha mãe – também me apavorava.

Durante o dia, mamãe se parecia com qualquer outra mãe de Cambridge: um pouco despenteada e desorganizada, e perpetuamente esgotada pelas pressões da casa e do trabalho. Cabelo louro no corte da moda, embora com roupas que tinham parado em 1977 – longas saias rodadas, calças e camisetas largas, blazer e roupas masculinas iguais às de Annie Hall, tudo adquirido nos muitos brechós de Boston. Nela não havia nada que nos fizesse olhar duas vezes para ela na rua ou no supermercado.

Na privacidade da nossa casa, com as cortinas cerradas e a porta trancada, mamãe se transformava em outra pessoa. Seus movimentos eram seguros e confiantes, tranquilos e equilibrados. Às vezes, ela parecia mesmo flutuar. Quando andava pela casa, cantando e recolhendo livros e bichinhos de pelúcia, pouco a pouco a face de mamãe se transfigurava em algo sobrenatural e lindo. Quando a magia a iluminava, era impossível deixar de olhá-la.

– Mamãe tem fogos de artifício dentro dela.

Era assim que papai explicava o fenômeno, com um sorriso largo e indulgente. Mas aprendi que os tais fogos não eram apenas brilhantes e vibrantes. Eram fogos imprevisíveis e também podiam assustar e amedrontar.

Uma noite papai estava fora para uma palestra e mamãe resolveu polir a prataria, e acabou hipnotizada por uma tigela de água que estava em cima da mesa de jantar. À medida que ela mirava, a superfície vítrea se cobria de uma névoa que começou a

rodopiar até engendrar pequeninas formas fantasmagóricas. Engoli em seco, admirada, quando as formas se agigantaram e encheram a sala de seres fantásticos. Logo depois, elas estavam rastejando pelas cortinas e subindo até o teto. Gritei e pedi socorro à mãe, mas ela continuou olhando fixamente a água. Uma concentração que se manteve até que algo meio humano e meio animal se aproximou de mim e beliscou meu braço. Isso a fez sair do transe, e ela explodiu em meio a um jato irado de luz vermelha que afugentou os espectros, deixando um odor de penas queimadas na casa. Logo que entrou em casa, papai sentiu um cheiro estranho e se preocupou. Ele nos encontrou encolhidas na cama. Ao vê-lo, mãe irrompeu num pranto exaltado. Nunca mais me senti segura na sala de jantar.

Nos meus sete anos o resto de sensação de segurança que eu ainda podia ter se evaporou quando meus pais foram para a África e não voltaram vivos.

Repeli esses pensamentos e me concentrei novamente no dilema que me encarava. O manuscrito na mesa da biblioteca sob a luz do abajur. De sua magia, emanava alguma coisa sombria que me dava um nó por dentro. Encostei os dedos naquele couro macio. Dessa vez, a sensação de arrepio se tornou familiar. Lembrei vagamente de uma experiência parecida que tive um dia ao folhear alguns documentos no gabinete de meu pai.

Eu me afastei resolutamente daquele volume envolto em couro e me voltei para algo mais racional: procurar uma lista de textos alquímicos que tinha feito antes de deixar New Haven. Encontrei em cima da minha mesa, junto a documentos soltos, cartões, recibos, lápis, canetas e mapas da biblioteca, organizada com primor pela coleção e pela numeração que um funcionário deu aos textos à medida que entravam na Biblioteca Bodleiana. Eu vinha trabalhando metodicamente nessa lista desde a minha chegada algumas semanas antes. A descrição do manuscrito Ashmole 782, copiada do catálogo, dizia o seguinte: “*Antropologia, ou um tratado com uma breve descrição do homem em duas partes: uma, anatômica; outra, psicológica.*” Como a maioria das obras estudadas por mim, não havia nada no título que realmente indicasse o conteúdo.

Meus dedos poderiam me revelar o que havia dentro do livro, sem mesmo abri-lo. Tia Sarah sempre usava os dedos para ver o que havia dentro de um envelope de correspondência antes de abri-lo, para ver se era alguma conta que não queria pagar.

Dessa forma, poderia alegar desconhecimento na chegada de uma segunda via e quando ela já tivesse dinheiro para pagar a conta de luz, por exemplo.

Os números dourados da lombada piscavam.

Sentei-me para ponderar sobre as opções.

Ignoro a magia, abro o manuscrito e o leio, como qualquer acadêmica humana?

Ponho o volume enfeitiçado de lado e dou no pé?

Sarah daria um risinho se soubesse do meu embaraço. Ela sempre frisou que meus esforços para manter a magia a distância eram inúteis. Mas é o que venho fazendo desde o funeral dos meus pais. Lembro que entre os convidados algumas bruxas me observavam dos pés à cabeça enquanto me davam tapinhas de estímulo, atrás de sinais que indicassem que o sangue dos Bishop e dos Proctor corria nas minhas veias, prevendo que algum tempo depois eu assumiria o lugar da mamãe no conciliábulo local. Algumas cochichavam suas dúvidas quanto à sensatez dos meus pais por terem se casado.

– Poder demais – elas diziam em voz baixa, sem saber que eu ouvia. – Eles se limitavam a chamar a atenção... nem sequer observaram o cerimonial da antiga religião.

Isso foi o bastante para que eu atribuísse a morte dos meus pais ao poder sobrenatural que possuíam, e para que buscasse uma forma diferente de vida. Comecei a dar as costas a tudo que tivesse a ver com magia e a me jogar de cabeça nas coisas da adolescência humana – cavalos, rapazes e romances melosos – na tentativa de desaparecer entre os habitantes comuns da cidade. Tive alguns problemas na puberdade, com depressão e ansiedade. Tudo isso era bem normal, garantiu o médico humano para minha tia.

Sarah não disse nada ao médico sobre as vozes nem sobre minha mania de pressentir a chamada do telefone alguns segundos antes, e ela também não disse que, durante a lua cheia, era obrigada a encantar portas e janelas para que eu não saísse caminhando como sonâmbula pela mata. Ela também não disse que, quando eu me zangava, as cadeiras da casa se moviam para formar uma precária pirâmide que despencava no chão depois que eu me acalmava.

Quando fiz treze anos, titia decidiu que já era hora de canalizar meu poder para o aprendizado dos fundamentos da feitiçaria. Acender velas com a recitação de algumas palavras ou encobrir as espinhas do rosto com uma poção tradicional eram os

primeiros passos de uma bruxa adolescente. Mas me mostrei incapaz de dominar os mais simples feitiços. Além de queimar todas as poções que aprendia com minha tia, eu teimava em não me submeter aos testes que ela aplicava a fim de ver se eu herdara a poderosa segunda visão da minha mãe.

Tanto as vozes como os pequenos incêndios e outras erupções imprevisíveis diminuíram à medida que meus hormônios se equilibraram, mas a resistência para aprender o ofício da família permaneceu. Tia Sarah ficava nervosa com a presença de uma bruxa indisciplinada dentro de casa, e foi com alívio que me mandou para uma faculdade no Maine. Com exceção da magia, era uma típica história de crescimento.

O que me fez sair de Madison foi meu intelecto. A precocidade intelectual me levou a falar e aprender a ler mais cedo do que as crianças de minha idade. Com uma prodigiosa memória fotográfica que me fazia lembrar das páginas dos livros com muita facilidade e responder as questões das provas com toda segurança, meu desempenho escolar atingiu uma dimensão onde o legado mágico da família era irrelevante. Pulei os últimos anos do secundário e entrei na faculdade aos dezesseis anos.

Na faculdade, tratei de encontrar um lugar no departamento de teatro, minha imaginação era atraída pelo espetáculo e as fantasias – e minha mente se fascinava pelo modo como o texto teatral evocava outros lugares e outras épocas. Segundo os professores, minhas primeiras representações eram exemplos extraordinários de como uma boa atuação podia transformar alunos comuns em outras pessoas. A primeira indicação de que tais metamorfoses talvez não se originassem de um talento dramático propriamente dito surgiu quando fiz o papel de Ofélia, em *Hamlet*. Tão logo me escalaram para o papel, o meu cabelo começou a crescer com uma rapidez assustadora, descendo dos ombros até a cintura. Eu ficava sentada à beira do lago da faculdade por horas a fio, irresistivelmente atraída pelo brilho da superfície, com meus cabelos esvoaçando ao redor. O rapaz que fazia o papel de Hamlet foi pego pela ilusão e tivemos um caso apaixonado, se bem que perigosamente volátil. Entrei lentamente na loucura de Ofélia e arrastei comigo o resto do elenco.

O resultado pode ter sido uma encenação eletrizante, mas cada novo personagem trazia novos desafios. No meu segundo ano da faculdade a situação tornou-se insuportável, quando me escalaram para representar a Anabella da peça *Pena que ela seja uma prostituta*, de John Ford. Tal como a personagem, eu atraía um séquito de

admiradores devotados – nem todos humanos – que me seguiam pelo campus. Quando eles se recusaram a me deixar em paz depois que fechou a cortina, ficou claro que não seria possível controlar o que era liberado. Eu não sabia ao certo se a magia interferia mesmo na minha atuação, e não tinha a menor vontade de saber. Então, cortei o cabelo, bem curto. E deixei de usar saias esvoaçantes e blusinhas decotadas, substituindo-as pelas blusas pretas de gola rolê, as calças cáqui e os mocassins que as sisudas e ambiciosas estudantes de direito calçavam. Um excesso de energia me levou ao atletismo.

Depois de deixar o departamento de teatro, tentei diversas cadeiras em busca de um campo de estudo cuja racionalidade não deixasse o menor espaço para a magia. Faltavam-me precisão e paciência para a matemática, e foram desastrosos meus esforços no campo da biologia, tanto nas provas escritas como na prática de laboratório.

No final do segundo ano, a burocracia da faculdade me intimou a optar por uma cadeira, ou pensar na possibilidade de enfrentar cinco anos de estudo sem cadeira definida. Um programa de estudos durante as férias na Inglaterra me ofereceu uma oportunidade de ficar o mais longe possível dos assuntos dos Bishop. Eu me apaixonei por Oxford, pelo suave brilho de suas ruas pela manhã. Os cursos de história incluíam façanhas de reis e rainhas, e as únicas vozes na minha cabeça eram as dos livros escritos nos séculos XVI e XVII. Tudo isso inteiramente atribuído à boa literatura. E o melhor é que ninguém me conhecia na universidade e, se naquela cidade havia bruxas, naquele verão elas estavam bem longe de lá. Retornei a meu país, declarei à burocracia da faculdade que queria estudar história, frequentei todos os cursos requeridos em tempo recorde e me graduei com louvor antes de completar vinte anos.

Depois, resolvi fazer um doutorado, e minha primeira opção no leque de programas possíveis foi Oxford. Eu me especializei em história da ciência, concentrando as pesquisas no período em que a ciência suplantou a magia – quando a astrologia e a caça às bruxas deram lugar a Newton e às leis universais. A busca por uma ordem racional – sem o sobrenatural – na natureza refletia meus próprios esforços para me manter afastada do que estava oculto em mim. Os limites entre o que se passava na minha mente e o que corria no meu sangue se tornaram ainda mais distintos.

Tia Sarah riu sem parar quando soube que eu tinha decidido me especializar em química do século XVII. Seu cabelo ruivo brilhante era como um cartaz luminoso de

um temperamento agitado e uma língua afiada. Ela era uma bruxa de fala franca e equilibrada que envolvia a todos. Pilar da comunidade de Madison, Sarah era frequentemente solicitada para cuidar das coisas durante as pequenas e grandes crises da cidade. Na ocasião, mantínhamos um ótimo relacionamento, já que eu não precisava me sujeitar às doses diárias de observações mordazes que ela fazia sobre a fragilidade e a inconsistência dos humanos.

Embora estivéssemos separadas por quilômetros de distância, Sarah via as minhas últimas tentativas de me esquivar da magia como risíveis – e ela fez questão de deixar isso bem claro:

– A alquimia não é estranha para nós – disse. – Há muita magia nela.

– Não há, não – protestei, com veemência. O principal objetivo do meu trabalho era o de demonstrar que essa atividade era de fato científica. – A alquimia demonstra o crescimento da experimentação, não é uma busca por um elixir mágico que leva ao ouro e imortaliza as pessoas.

– Se você acha... – disse Sarah, em tom de dúvida. – Mas é um tema muito estranho para ser escolhido por alguém que procura agir como um humano.

Depois de minha graduação, trabalhei muito para conseguir um cargo em Yale, o único lugar que era mais inglês do que a Inglaterra. Fui avisada pelos colegas de que teria poucas chances de conseguir uma colocação. Escrevi dois livros, conquistei vários prêmios e garanti algumas pesquisas. Por fim, obtive uma nomeação, provando que todos estavam errados.

O mais importante é que passei a ficar por minha conta. No meu departamento, ninguém ligava meu sobrenome ao da primeira mulher executada por bruxaria em 1692 em Salem, nem mesmo os historiadores dos primórdios da América. Para preservar minha tão suada autonomia, continuei a manter qualquer vestígio de magia e feitiçaria longe de mim. É claro que com algumas exceções como, por exemplo, quando fiz um dos feitiços de tia Sarah para deter a máquina de lavar roupa que estava entupida de água, ameaçando inundar meu pequeno apartamento em Wooster Square. Ninguém é perfeito.

Agora, com esse ato falho habitual em mente, respirei fundo, apertei o manuscrito com ambas as mãos e o coloquei no apoiador de livros que a biblioteca deixava à disposição para proteger as obras raras. Eu tomara uma decisão: agir como uma acadêmica séria e tratar o Ashmole 782 como um manuscrito comum. Ignorei a

queimação na ponta de meus dedos e o cheiro esquisito que saía do livro, limitando-me a examinar o índice. Depois, com um distanciamento profissional, tive que decidir se era promissor o bastante para uma leitura mais demorada. Meus dedos tremeram quando abri o pequeno fecho de bronze que o prendia.

O manuscrito soltou um leve suspiro.

Olhei rapidamente ao redor para me assegurar de que a sala estava vazia. O único ruído que se ouvia era o do relógio da sala.

Lembrando-me de não registrar que “o livro suspirou”, voltei-me para o laptop e abri um novo arquivo. Uma tarefa costumeira que eu repetia milhares de vezes e que me reconfortava tanto quanto a minha impecável lista de apontamentos. Digitei o nome e o número do manuscrito e copiei o título da descrição do catálogo. Descrevi detalhadamente o tamanho e a encadernação.

Só faltava abrir o manuscrito.

Mesmo com o fecho aberto, tive dificuldade de virar a capa, era como se estivesse colada às páginas. Resmunguei baixinho e deixei a mão sobre o couro por um momento, porque o Ashmole 782 só precisava de uma chance para me conhecer. Deixar a mão em cima de um livro não era um ato mágico. A palma da minha mão formigou bem mais do que a minha pele formigava quando alguma bruxa olhava para mim, e a tensão do manuscrito se dissipou. Depois disso, foi fácil virar a capa.

A primeira página era de papel grosso. A segunda, era realmente um pergaminho e nela se lia “*Antropologia, ou um tratado com uma breve descrição do homem*”, na caligrafia de Ashmole. As letras caprichadas e redondas me eram familiares, quase como meu próprio roteiro. A continuação do título – “*em duas partes: uma, anatômica, outra, psicológica*” – tinha sido escrita a lápis por outra mão. Isso também me era familiar, mas não atinei de onde. Um toque na escrita poderia me dar uma pista, mas isso contrariava as regras da biblioteca e me impossibilitaria documentar a informação colhida pelos meus dedos. Então, fiz algumas notas no arquivo do computador a respeito do uso da tinta e do lápis, e da diferença de caligrafias, e das possíveis datas das inscrições.

Quando virei a primeira folha, o pergaminho mostrou-se extraordinariamente pesado e emanou um cheiro esquisito. Não era simplesmente um cheiro de coisa velha. Era algo mais – uma mistura de mofo e almíscar, difícil de nomear. Percebi imediatamente que três folhas tinham sido engenhosamente tiradas do manuscrito.

Pelo menos ali estava algo fácil de descrever. Digitei: “*No mínimo três folhas removidas por meio de régua ou tesoura.*” Inspeicionei a lombada do manuscrito, mas não consegui saber se faltavam outras páginas. Quanto mais perto o pergaminho ficava do meu nariz, mais o manuscrito me distraía com seu poder e cheiro estranhos.

Eu me volvei para a ilustração na página anterior às que faltavam. Na imagem, uma criancinha flutuava dentro de um jarro de vidro claro. Ela segurava uma rosa de prata com uma das mãos e uma rosa de ouro com a outra. Nos seus pés havia pequenas asas, e dos seus longos e negros cabelos escorria um líquido vermelho. Embaixo, uma legenda em tinta preta esclarecia que a ilustração representava a criança filosofal – uma representação alegórica de um passo crucial na criação da pedra filosofal, substância química com promessa de saúde, riqueza e sabedoria para quem a possuísse.

As cores eram luminosas e o trabalho, incrivelmente bem preservado. No passado, alguns artistas misturavam pó de pedras preciosas às tintas para obter cores de maior intensidade. A ilustração tinha sido feita por um verdadeiro artista. Coloquei as mãos debaixo das coxas a fim de não tocar na ilustração e adquirir mais informações.

Acontece que o artista se equivocara nos detalhes, mesmo com um talento evidente. O jarro de vidro teria que estar voltado para cima e não para baixo. A criancinha teria que ser metade branca e metade negra para evidenciar sua condição de hermafrodita. Ela deveria ter genitália masculina e seios femininos – ou então duas cabeças.

A imagética alquímica se caracteriza por ser alegórica, sem ser de todo ardilosa. Eu então a tinha escolhido como tema de estudo na esperança de encontrar padrões que deixassem transparecer uma abordagem lógica e sistemática da transformação química no período que antecedeu a tábua periódica dos elementos. As imagens da lua, por exemplo, quase sempre representavam a prata enquanto as imagens do sol representavam o ouro. Quando os dois se combinavam quimicamente, o processo era representado pela imagem de um casamento. Com o tempo, as ilustrações foram substituídas pelas palavras. Palavras que por sua vez tornaram-se uma gramática da química.

Contudo, o manuscrito à minha frente desafiava meu conhecimento da lógica dos alquimistas. Cada ilustração apresentava no mínimo um erro fundamental, e não havia um texto anexo para facilitar a compreensão.

Eu procurava por alguma coisa – qualquer coisa – que avalizasse meu conhecimento

da alquimia. Na luz difusa, uma caligrafia quase apagada surgiu em uma das páginas. Aproximei o abajur da escrivaninha para enxergar melhor.

Não havia nada ali.

Lentamente, virei a página como se ela fosse uma delicada folha.

Os caracteres – centenas de palavras – brilharam e se movimentaram pela superfície da página, ilegíveis até que o ângulo da luz e a perspectiva do observador estivessem alinhados.

Reprimi um grito de surpresa.

O manuscrito Ashmole 782 era um palimpsesto – um manuscrito dentro de um manuscrito. Quando um pergaminho se tornava rarefeito, os escribas faziam uma lavagem cuidadosa da tinta dos livros velhos e depois redigiam um novo texto nas páginas em branco. Com o passar do tempo, a escrita original geralmente reaparecia por baixo como um texto fantasma, discernível por meio da luz ultravioleta que trazia de volta o texto apagado sob as manchas de tinta.

Só que nenhuma luz ultravioleta seria forte o bastante para trazer de volta aqueles traços. Aquele manuscrito não era um palimpsesto comum. A escrita não tinha sido apagada, e sim ocultada por algum feitiço. Mas por que alguém se daria ao trabalho de enfeitiçar um livro alquímico? Até os especialistas tinham dificuldade em decifrar a linguagem obscura e a imagética fantástica desses autores.

Desviei a atenção das letras esmaecidas que se movimentavam rápido demais para que fossem lidas, e me concentrei em escrever uma sinopse do conteúdo do manuscrito. *“Intrigante”, eu digitei. “Epígrafes textuais dos séculos XV a XVII, imagens principais do século XV. Origem das imagens possivelmente mais remotas? Mistura de papel e pergaminho. Tintas coloridas e pretas, as coloridas de alta e incomum qualidade. Ilustrações excelentes, mas com detalhes incorretos e ausentes. Retratam a criação da pedra filosofal: nascimento/criação, morte, ressurreição, transformação alquímicos. Uma cópia confusa de um manuscrito mais antigo? Um livro estranho e repleto de anomalias.”*

Meus dedos hesitaram sobre o teclado.

Quando uma informação não se encaixa com o já sabido, os acadêmicos optam por uma entre duas alternativas. Ou deixam a informação que não esclarece as teorias em questão de lado, ou se concentram intensa e minuciosamente a fim de se aprofundar no mistério. Se o livro não estivesse enfeitiçado, eu poderia optar pela segunda

alternativa. Mas já que estava enfeitiçado, tendi a optar pela primeira alternativa.

Em caso de dúvida, geralmente os acadêmicos adiam a decisão.

Digitei uma frase final ambivalente: *“Precisa de mais tempo? Talvez de uma consulta mais tarde?”*

Prendi o fôlego e fechei a capa, com muito cuidado. As correntes mágicas ainda franjavam o manuscrito, particularmente vigorosas em volta do fecho.

Aliviada por ter fechado o Ashmole 782, ainda o observei por alguns segundos. Meus dedos estavam ansiosos para tocar novamente naquele couro marrom. Mas dessa vez me contive, da mesma forma que tinha me contido para não tocar nas inscrições e nas ilustrações, de modo a obter mais do que qualquer historiador humano poderia obter com legitimidade.

Tia Sarah sempre dizia que a magia é um dom. Neste caso, eu era ligada por laços mágicos às bruxas Bishop que me antecederam. Bruxas que pagaram um preço pela prática dos poderes mágicos que herdaram e pelos seus feitiços e encantamentos, um preço que as fez guardar a arte com muito zelo. Ao abrir o Ashmole 782, eu também abri uma fenda no muro que separava a magia do meu mundo acadêmico. Mas de volta ao lado certo, me senti ainda mais determinada a continuar nesse lado.

Guardei o computador e as notas e coloquei o Ashmole 782 no fundo da pilha de manuscritos com muito cuidado. Providencialmente, Gillian não estava na sua escrivaninha, se bem que seus papéis ainda estavam espalhados por lá. Talvez ela planejasse trabalhar até tarde e tivesse saído para tomar uma xícara de café.

– Acabou? – perguntou Sean, quando cheguei à mesa dele.

– Ainda não. Eu quero reservar os três de cima para segunda-feira.

– E o quarto?

– Já terminei com ele – respondi abruptamente, entregando-lhe os manuscritos. – Pode mandá-lo de volta às prateleiras.

Sean dispôs o material em cima de uma pilha de devoluções que já estava organizada. E me acompanhou até a escada, onde se despediu e desapareceu atrás da porta de vaivém. A esteira que levaria o Ashmole 782 de volta às entranhas da biblioteca tiniu.

Eu quase me virei para detê-la, mas deixei para lá.

Já estava com a mão pronta para abrir a porta de entrada no térreo quando o ar ao redor começou a pesar como se a biblioteca estivesse me espremendo. O ambiente

brilhou por uma fração de segundo, tal como as páginas do manuscrito haviam brilhado na mesa de Sean, causando-me um tremor involuntário e arrepiando os pelos dos meus braços.

Alguma coisa acabara de acontecer. Alguma coisa mágica.

Meu rosto se voltou de novo para a sala Duke Humfrey e meus pés ameaçaram seguir para lá.

Não é nada, pensei enquanto saía resolutamente da biblioteca.

Você tem certeza?, sussurrou uma voz ignorada por muito tempo.



Os sinos de Oxford badalaram sete vezes. A escuridão da noite não chegaria com a mesma lentidão de alguns meses antes, mas de qualquer forma ainda seria lenta. Os funcionários da biblioteca tinham acendido as lâmpadas trinta minutos antes, e pequeninos lagos de ouro se imiscuíam na luz acinzentada.

Era o vigésimo primeiro dia de setembro. No mundo inteiro, as bruxas se reuniam na véspera do equinócio de outono, compartilhando alimentos para celebrar o Mabon e saudar a iminente escuridão do inverno. Mas as bruxas de Oxford teriam que se conformar com minha ausência. Eu tinha que preparar uma conferência importante para o mês seguinte. Minhas ideias ainda não estavam claras, e isso me deixava muito ansiosa.

Meu estômago roncou quando pensei no que minhas colegas bruxas estariam comendo em algum lugar de Oxford. Eu tinha estado na biblioteca desde nove e meia da manhã, parando apenas para um rápido lanche.

Sean estava de folga nesse dia, e outra pessoa atendia no balcão de solicitações. Eu já tinha me aborrecido porque requisitara um item avariado e ela tentou me convencer a utilizar um microfilme. O sr. Johnson, supervisor da sala de leitura, ouviu a discussão e saiu do escritório para intervir.

– Minhas desculpas, dra. Bishop – disse afogueado, enquanto ajustava os óculos de armação escura e pesada no nariz. – Se a senhora precisa consultar esse manuscrito para sua pesquisa, ficaremos honrados em colocá-lo a sua disposição. – Ele se retirou para apanhar o item negado e voltou algum tempo depois para entregá-lo, pedindo desculpas pelo incidente com a nova funcionária. Agradecida pelas regalias que minhas credenciais acadêmicas me ofereciam, passei a tarde absorvida em agradável leitura.

Retirei os dois pesos de papel que prendiam as extremidades superiores do manuscrito e o fechei com cuidado, satisfeita com a quantidade de trabalho realizado. Para restaurar a normalidade depois do meu encontro com o manuscrito enfeitiçado na sexta-feira, acabei me envolvendo mais com as tarefas rotineiras de fim de semana e menos com a alquimia. Preenchi formulários de reembolso financeiro, paguei contas,

escrevi cartas de recomendação e ainda terminei a revisão de um livro. Atividades intercaladas por um sem-número de rituais domésticos como lavar roupa, ingerir xícaras e mais xícaras de chá e experimentar as receitas dos programas culinários da BBC.

Depois de ter começado cedo naquela manhã, passei o dia me concentrando no trabalho do momento, sem lidar com as lembranças das estranhas ilustrações do Ashmole 782 e seu misterioso palimpsesto. Examinei as anotações de uma pequena lista de tarefas para o resto do dia. Quatro questões dessa lista teriam que ser necessariamente resolvidas, e a terceira era a mais fácil. A resposta se encontrava no *Notes and Queries*, um antigo periódico que estava em uma das prateleiras das estantes que se estendiam até o teto. Empurrei a cadeira para trás, determinada a só sair da biblioteca depois que tivesse resolvido a tal questão da minha lista.

O acesso às estantes superiores do setor da Duke Humfrey, conhecido como Selden End, era feito por meio de uma escada velha que terminava numa galeria alta por cima das mesas de leitura. Escalei os degraus bambos em direção aos velhos livros encapados em couro de antílope, dispostos em ordem cronológica nas fileiras de estantes de madeira. Aparentemente, somente eu e um velho professor de literatura da Magdalen College os utilizávamos. Localizei o volume, resmungando entre dentes. Encontrava-se no alto da estante, fora de alcance.

Um risinho chamou a minha atenção. Virei a cabeça para ver quem estava sentado na escrivaninha no extremo da galeria e não vi ninguém. Eu estava ouvindo coisas novamente. Àquela hora, Oxford estava totalmente deserta e a maior parte do pessoal da universidade saíra uma hora mais cedo para um copo gratuito de xerez no salão comum dos acadêmicos, antes de seguir para o jantar. A festividade wiccaniana também tinha obrigado Gillian a sair mais cedo, não sem antes me fazer um último convite enquanto ela esquadrinhava minha pilha de material de leitura com os olhos.

Procurei por um tamborete na galeria, mas não o encontrei. A Bodleiana era notoriamente carente de tais objetos, e eu perderia uns quinze minutos até que localizasse algum no interior da biblioteca e subisse na escada e alcançasse o livro. Hesitei. Mesmo depois de ter segurado um livro enfeitiçado naquela sexta-feira, reprimi a intensa tentação de me valer da magia. Por outro lado, ninguém veria nada.

Mesmo com todas essas racionalizações, minha pele formigava de ansiedade. Eu raramente quebrava minhas próprias regras, e eram poucas as situações que me

impeliam a recorrer à magia. Aquela seria então a quinta vez naquele ano, contando com o meu feitiço na máquina de lavar defeituosa e meu toque no Ashmole 782. Nada mal, levando em conta que era fim de setembro, mas para mim não era a melhor marca.

Respirei fundo, estiquei o braço e visualizei o livro na minha mão.

O volume 19 do *Notes and Queries* se moveu na estante, fazendo um ângulo como se apanhado por mão invisível, e pousou suavemente na palma aberta de minha mão. Abriu-se em seguida na página de que eu precisava.

Tudo isso durou uns três segundos. Respirei fundo novamente para que minha culpa fluísse um pouco. De repente, dois rasgões gelados irromperam entre meus ombros.

Eu tinha sido vista, não por um simples observador humano.

Quando duas bruxas se entreolham, o toque de um olho no outro faz formigar. Mas as bruxas não são as únicas criaturas que compartilham o mundo com os humanos. Também há os demônios – criaturas criativas e artísticas que transitam entre a loucura e a genialidade. “Astros do rock e assassinos seriais.” Era assim que minha tia descrevia esses estranhos e surpreendentes seres. E ainda há os antigos e belos vampiros que se alimentam de sangue e o deixam enfeitiçado quando não querem matá-lo na mesma hora.

Quando um demônio me olha, sinto a pressão leve e irritante de um beijo.

Já o olhar de um vampiro é frio, focado e perigoso.

Sondei mentalmente os frequentadores da Duke Humfrey. Ocorreu-me um vampiro, um monge querubínico que se debruçava como um amante sobre missais e livros de oração medievais. Mas raramente se encontravam vampiros em salas de livros raros. Vez por outra um deles sucumbia à fútil e nostálgica busca de reminiscências, mas isso não era comum.

Bruxos e demônios frequentavam bibliotecas com mais assiduidade. Gillian Chamberlain e seus óculos maravilhosos tinham estado ali naquele dia para estudar um papiro. E obviamente dois demônios estavam na sala de leitura musical. Eles me olharam com desvario quando passei a caminho de Blackwell para um chá. Um deles até me pediu para trazer um café com leite, indício de que estava mesmo imerso em algum tipo de loucura.

Claro, eu estava sendo observada por um vampiro.

Até porque já tinha esbarrado com alguns vampiros, pois a minha área de trabalho me colocava em contato com cientistas e muitos vampiros povoam os laboratórios do mundo inteiro. A ciência requer muito estudo e paciência. E graças a seus solitários hábitos de trabalho, os cientistas só são reconhecidos pelos colaboradores mais próximos. Isso se enquadra com mais facilidade no tipo de vida dos vampiros que se estende por séculos e não por décadas.

Em nossos dias, os vampiros gravitam em torno dos aceleradores de partículas, dos projetos de decodificação do genoma e da biologia molecular. No passado, eles se voltavam para alquimia, anatomia e eletricidade. Se uma pesquisa envolvia sangue ou promessa do desvendamento de segredos do universo, um vampiro sempre estava por perto.

Agarrei o volume avariado do *Notes and Queries* e me virei para flagrar meu observador. Ele estava na penumbra, no lado oposto da sala, na frente do setor de paleontologia, encostado em uma das belas pilastras de madeira que sustentavam a galeria. Um volume aberto do *Guide to Scripts Used in English Handwriting Up to 1500*, de Janet Roberts, balançava em suas mãos.

Eu nunca tinha visto aquele vampiro, mas tinha certeza de que ele não precisava de ajuda para decifrar caligrafias antigas.

Quem já leu obras célebres ou viu filmes de vampiros sabe que eles são surpreendentes, mas no fundo ninguém está preparado para vê-los. Eles têm uma estrutura óssea tão bem moldada que se assemelham às obras de excelentes escultores. E quando se movem ou dizem alguma coisa, você não consegue absorver o que está se passando. Os gestos são graciosos e as palavras soam como música. Eles têm olhos hipnóticos e é justamente com esses olhos que capturam a presa. Um olhar, algumas poucas palavras e um toque, e a vítima se torna indefesa nas garras do vampiro.

Olhei para o vampiro e, infelizmente, me dei conta de que todo meu conhecimento sobre o tema era teórico demais. Um conhecimento que me pareceu inútil tão logo o vi na Biblioteca Bodleiana.

O único vampiro com quem eu mantive uma relação mais duradoura trabalhava na Suíça, no acelerador de partículas nucleares. Jeremy, magro e bonito, com cabelos louros luminosos, olhos azuis e um sorriso contagiante. Ele já tinha deitado com quase todas as mulheres do cantão de Genebra, e na ocasião atuava na cidade de Lausanne. Nunca me interessei em saber o que Jeremy fazia com elas depois de seduzi-las e me

recusava a aceitar seus persistentes convites para um passeio e um drinque. Aos meus olhos ele era a representação perfeita da espécie. Mas comparado com o vampiro que estava à minha frente, ele parecia magrelo, palerma e jovem demais.

O vampiro que eu tinha à frente era alto – bem, descontando as distorções de perspectiva associadas ao fato de que o olhava do alto da galeria, ele tinha quase dois metros de altura. E sem dúvida alguma não era magrelo. Ombros largos, torso modelado e pernas musculosas. Mãos incrivelmente longas e ágeis, um traço de delicadeza fisiológica que atraiu meus olhos enquanto me perguntava se aquelas mãos podiam ser de um homem tão corpulento.

Eu o observava e ao mesmo tempo ele me olhava fixamente. De onde eu estava, os olhos daquele vampiro eram negros como a noite, abrigados debaixo de sobrancelhas igualmente negras, uma delas se erguia em curva insinuando indagação. Ele tinha um rosto realmente incrível, os planos e as superfícies eram bem delineados e os ossos faciais eram angulosos e se juntavam às sobrancelhas que escudavam e sombreavam os olhos. Acima do queixo, uma outra parte com vestígios de suavidade – uma boca tão longa quanto as mãos parecia não fazer sentido.

Mas a perfeição física não era o que mais desconcertava. A selvagem combinação de força, agilidade, inteligência aguçada era tão intensa que se tornava palpável. Vestindo uma calça preta e um suéter cinza, com os cabelos negros descaindo displicentemente até a nuca, ele parecia uma pantera que poderia atacar a qualquer momento, mas sem nenhuma pressa para isso.

Ele sorriu. Apenas o esboço de um sorriso tímido, sem mostrar os dentes. Por via das dúvidas, levei em conta que atrás daqueles lábios pálidos havia dentes afiados.

A simples alusão aos *dentes* descarregou uma corrente instintiva de adrenalina que percorreu meu corpo todo, deixando um formigamento nos meus dedos. De repente, um único pensamento me passou pela cabeça: *saia daqui, AGORA*.

A escada pareceu mais longa que os quatro passos necessários para descê-la. Eu descí apressada e tropecei no último degrau, caindo direto nos braços do vampiro.

É claro que o tropeção tinha a ver com aquela criatura.

Ele tinha mãos frias e braços que pareciam feitos de aço e não de carne e osso. Um aroma de cravo e canela e de alguma outra coisa que me lembrou incenso encheu o ar. Ele me endireitou, pegou o exemplar do *Notes and Queries* que tinha caído no chão e me entregou com uma reverência.

– Dra. Bishop, eu presumo.

Assenti com a cabeça, tremendo da cabeça aos pés.

Com os dedos longos e pálidos da mão direita, ele tirou um cartão de apresentação azul e branco do bolso.

– Matthew Clairmont.

Peguei o cartão pela pontinha, cuidando de não tocar naqueles dedos. O conhecido logotipo da Universidade de Oxford com três coroas e um livro aberto ladeava o sobrenome Clairmont, seguido por uma fileira de iniciais que o credenciava como membro da Royal Society.

Nada mau para quem aparentava uns trinta e poucos anos, se bem que achei que a idade verdadeira dele era no mínimo dez vezes mais.

Não fiquei surpresa quando soube que aquele vampiro era professor de bioquímica e integrava o departamento de neurociência de Oxford, no Hospital John Radcliffe. Sangue e anatomia – dois ingredientes preferidos dos vampiros. O cartão apresentava os números telefônicos de três diferentes laboratórios, o número da sala e o endereço eletrônico dele. Embora não o tivesse visto antes, ele não era nem um pouco difícil de ser encontrado.

– Professor Clairmont. – Minha voz soou débil antes que as palavras sumissem da minha boca e eu não conseguisse mais controlar a vontade de sair correndo aos gritos daquele lugar.

– Ainda não fomos apresentados – ele disse, com um sotaque estranho. Um sotaque predominantemente de Oxford, mas com um toque de suavidade indistinguível aos meus ouvidos. Só então notei que os olhos que se fixavam no meu rosto não eram totalmente negros, mas dominados por pupilas dilatadas e margeadas por uma íris cinza esverdeada. Ele tinha um olhar penetrante, e eu não conseguia desviar meus olhos.

A boca do vampiro se mexeu novamente.

– Sou um grande admirador do seu trabalho.

Arregalei os olhos. Mesmo não sendo impossível que um professor de bioquímica se interessasse pela alquimia do século XVII, isso era improvável demais. Esquadrinhei a sala, com as mãos na gola da minha blusa branca. Éramos os únicos naquele lugar. Não vi ninguém no velho arquivo de carvalho nem próximo ao setor dos computadores. E quem estivesse na recepção estaria muito distante para vir em meu

socorro.

– Achei fascinante seu artigo sobre o simbolismo cromático da transformação alquímica, e foi muito persuasivo seu trabalho sobre a abordagem de Robert Boyle aos problemas de expansão e contração – continuou Clairmont, com fala mansa, como se acostumado a ser o único participante ativo nas conversas. – Ainda não terminei de ler seu último livro sobre educação e aprendizado alquímicos, mas estou adorando.

– Muito obrigada – sussurrei.

Ele desviou os olhos dos meus e olhou minha garganta.

Parei de dedilhar os botões de minha gola.

Ele voltou a cravar um olhar incomum nos meus olhos.

– Você tem uma maneira maravilhosa de resgatar o passado para os leitores.

Considerarei isso um elogio, já que os erros não passariam despercebidos aos olhos de um vampiro.

Ele fez uma pausa de alguns segundos e acrescentou:

– Aceitaria jantar comigo?

Fiquei boquiaberta. Jantar? Talvez nem conseguisse escapar de Clairmont na biblioteca, mas não fazia sentido aceitar o convite, ainda mais para uma refeição que ele não poderia compartilhar devido às preferências alimentares que tinha.

– Já tenho outros compromissos – respondi abruptamente, impotente para encontrar uma desculpa convincente.

Matthew Clairmont devia saber que eu era uma bruxa e que não estava celebrando o Mabon.

– Que pena – ele murmurou, com uma linha de sorriso nos lábios. – Fica para outra vez. Vai ficar aqui em Oxford o ano todo?

Um vampiro por perto era sempre irritante, e o aroma de cravo-da-índia que exalava dele evocava o cheiro estranho do Ashmole 782. Impossibilitada de pensar direito, só me restou assentir com a cabeça. Era mais seguro.

– Já presumia – ele disse. – Estou certo de que nossos caminhos se cruzarão outra vez. Oxford é uma província.

– Uma minúscula província – eu concordei, desejando estar em Londres e não ali.

– Até qualquer dia, então. Foi um prazer conhecê-la, dra. Bishop. – Clairmont estendeu a mão. Afora a breve mirada na minha gola, ele não desviou os olhos nem um só instante dos meus. Acho que nem piscou. Eu me enchi de coragem para não

desviar os olhos.

Estendi a mão e relutei por um segundo antes de apertar a sua. Ele deu um passo para trás, sorriu e logo desapareceu na escuridão da parte mais velha da biblioteca.

Fiquei parada, esperando que minhas mãos geladas voltassem a se mover, e depois retornei à mesa e desliguei o computador. Enquanto guardava meus papéis, o volume do *Notes and Queries* me encarava de um modo inquisitorial, como se me acusando por ter me dado ao trabalho de pegá-lo para nada. A lista de tarefas também se excedia em reprovação. Arranquei a lista do caderno, amarrotei-a e joguei-a no cesto de lixo debaixo da mesa.

– *Basta o seu mal a cada dia* – murmurei o provérbio entre dentes.

O supervisor da sala do turno da noite olhou para o relógio quando devolvi os manuscritos.

– Saindo cedo, dra. Bishop?

Balancei a cabeça de boca fechada, contendo-me para não perguntar se ele sabia de um vampiro que estava no setor de referências paleográficas.

Ele pegou a pilha de pastas cinzentas que continham os manuscritos.

– A senhora vai precisar deles amanhã?

– Sim – sussurrei. – Amanhã.

Enfim livre depois de cumpridas as últimas obrigações burocráticas exigidas aos acadêmicos. Com meus sapatos batendo contra o chão de linóleo e ecoando pelas paredes de pedra, ultrapassei o portal de treliças da sala de leitura, passei pelos livros resguardados das mãos dos curiosos por cordas de veludo, descii os degraus gastos da escada de madeira e entrei no pátio do primeiro andar. Respirei ar frio e me encostei à grade de ferro que cercava a estátua de bronze de William Herbert, lutando para tirar o resto de odor de cravo e canela das minhas narinas.

As noites de Oxford são sempre chocantes, disse com firmeza para mim mesma. Então... mais um vampiro na cidade.

O trajeto para casa foi mais rápido que de costume, apesar do que tinha dito a mim mesma no pátio. A escuridão na New College Lane era, na melhor das hipóteses, fantasmagórica. Enfiei o cartão magnético na leitora ótica do portão dos fundos da New College e boa parte da tensão no meu corpo se dissipou quando o portão se fechou às minhas costas, como se cada porta e cada parede que eu tinha erguido entre

mim e a biblioteca me mantivessem de alguma forma a salvo. Margeei a parede da capela de janelas altas até a passagem estreita que dava no pátio, cuja vista era o único jardim sobrevivente e ainda inteiro de Oxford, com um monte tradicional que no passado oferecia uma paisagem verde para que os alunos contemplassem os mistérios de Deus e da natureza. Nessa noite, as torres e os arcos da faculdade se mostravam especialmente góticos, e eu estava ansiosa para entrar no prédio.

Respirei aliviada quando fechei a porta do meu apartamento. Situado no último andar do complexo, era um alojamento reservado para antigos membros visitantes. Os cômodos do apartamento incluíam um quarto de dormir, uma sala com mesa de jantar redonda e uma cozinha pequena, porém decente, todos decorados com gravuras antigas e lambris aconchegantes. O mobiliário parecia ter sido recolhido de diversas encarnações anteriores da sala dos tutores e alunos e da casa dos mestres, muito usada e com predominância do estilo do século XIX.

Fui à cozinha, coloquei duas fatias de pão na torradeira e tomei um copo d'água gelada. Enquanto bebia, abri a janela para deixar o ar fresco entrar na casa.

Levei as torradas até a sala, tirei os sapatos e liguei o pequeno aparelho de som. Os acordes de Mozart se dispersaram por todos os lados. Estiquei-me no sofá para descansar por alguns instantes antes de tomar um banho e me debruçar nas anotações do dia.

Passava das três horas da madrugada quando acordei com o coração sobressaltado, o pescoço rijo e um forte gosto de cravo-da-índia na boca.

Peguei um copo d'água e fechei a janela da cozinha. Estava frio e tremi com a umidade do ar.

Olhei de relance para o relógio, fiz alguns cálculos e resolvi telefonar para casa. Lá em casa o relógio estaria marcando 22:30 mas Sarah e Em eram notívagas como morcegos. Apaguei todas as luzes do apartamento, menos as do quarto, e peguei o celular. Eu me despi rapidamente das minhas roupas encardidas, me censurando por ter ido assim à biblioteca, e depois vesti uma calça velha e larga de ioga e um suéter preto. Roupas bem mais confortáveis que qualquer pijama.

Reconfortada pela maciez e firmeza da cama, quase me convenci a não telefonar para casa. Mas a água não tinha tirado os vestígios do cravo-da-índia de minha língua, e eu então teclei o número.

– Já estávamos esperando seu telefonema – soaram as primeiras palavras.

Bruxas.

– Sarah, eu estou bem – suspirei.

– Todos os sinais dizem o contrário. – A irmã mais nova de mamãe fez questão de não fazer rodeios, como sempre. – Tabitha está agitada desde o começo da tarde, Em teve uma visão muito clara de você perdida num bosque à noite, e eu não consigo comer nada desde o café da manhã.

O verdadeiro problema era a danada da gata. Tabitha era a queridinha de Sarah e captava os problemas da família com surpreendente precisão.

– Está tudo *bem*. Só tive um encontro inesperado na biblioteca esta noite, e nada mais.

Um clique denunciou a presença de Em na extensão.

– Por que você não está celebrando o Mabon? – ela perguntou.

Até onde minha memória alcançava, Emily Mather me acompanhava como um verdadeiro apêndice. Ela e Rebecca Bishop se conheceram na escola secundária, durante um trabalho de férias em Plimoth Plantation, onde cavavam buracos e empurravam um carrinho de mão para os arqueólogos. Logo se tornaram as melhores amigas e passaram a se corresponder com devoção quando Emily foi para Vassar e minha mãe, para Harvard. Mais tarde, elas se reencontraram em Cambridge, quando Em se tornou bibliotecária infantil. Depois os meus pais morreram e os longos finais de semana de Emily em Madison a levaram a um novo emprego na escola local de ensino fundamental. Ela e Sarah tornaram-se companheiras inseparáveis, embora Em tivesse seu próprio apartamento na cidade porque havia um acordo entre ambas de que nunca dividiriam a mesma cama na minha presença enquanto eu fosse criança. O relacionamento delas não incomodava nem a mim nem aos vizinhos nem a qualquer outro da cidade. Eram tratadas por todos como um verdadeiro casal, a despeito de onde dormiam. Depois que saí de casa, Em mudou-se para lá e lá permanece até hoje. Tal como mamãe e titia, Em descendia de uma linhagem de bruxas.

– Fui convidada a participar de um *coven*, mas tive que trabalhar.

– A bruxa da Bryn Mawr a convidou?

Emily tinha uma queda por Gillian, a classicista, sobretudo porque um dia saíra com a mãe de Gillian (deixou escapar isso numa noite de verão, depois de alguns copos de vinho). “Coisa dos anos 1960”, era como se justificava.

– Sim. – Minha voz soou aborrecida. Ela e Sarah tinham metido na cabeça que

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A descoberta das bruxas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).